Cristo crucificado, poder e sabedoria de deus: uma proposta de leitura de 1cor 1,10–2,5 a partir do método da leitura popular da bíblia enunciado por Carlos Mesters para lc 24,13-35

Cláudio Vianney Malzoni[1]

Resumo

É bem conhecida a proposta de método de leitura da Bíblia proposta por Carlos Mesters a partir da perícope dos discípulos a caminho de Emaús (Lc 24,13-35). Esse método consiste em partir da recordação da vida, a ser iluminada pela Sagrada Escritura. A proposta dessa comunicação é mostrar que, nas cartas paulinas, esse método também é utilizado. A modo de exemplo será apresentada uma perícope da Primeira Carta aos Coríntios (1Cor 1,10—2,5). A finalidade é mostrar como Paulo, também ele, parte da recordação da vida a ser iluminada pela Sagrada Escritura.

Palavras-chave: Leitura Popular da Bíblia. Primeira Carta aos Coríntios. Carlos Mesters. Cristo crucificado.

Introdução

O método da leitura popular da Bíblia foi bem delimitado, em um texto de Carlos Mesters, a partir da perícope da manifestação de Jesus ressuscitado aos discípulos a caminho de Emaús (Lc 24,13-35). Esse método comporta três momentos: a reflexão sobre a realidade, o estudo da Bíblia e a vivência comunitária da fé na ressurreição. Como a expressão leitura popular da Bíblia é relativamente recente, pode-se ter a impressão de que esse método também seja recente. Ao explicitá-lo a partir de Lc 24,13-35, Mesters já mostra que não é bem assim.

Esse é também o método utilizado por Paulo e sua equipe missionária nas cartas que escreviam às igrejas que tinham fundado. Eles partiam das questões do cotidiano das igrejas, que era iluminado pelas Escrituras e pela memória das

[1] Doutor em Ciências Bíblicas pela Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém. Professor e pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: cvmalzoni@hotmail.com.

palavras e gestos de Jesus. Esse era o modo como Paulo e sua equipe faziam teologia. Um exemplo desse modo de proceder é dado pela maneira como são apresentadas as questões da igreja abordadas na Primeira Carta aos Coríntios.

Para tratar essa questão, será percorrido um caminho em duas etapas. A primeira será a da apresentação da perícope de 1Cor 1,10—2,5; a segunda será a da apresentação do método da leitura popular da Bíblia, conforme ele foi exposto por Mesters a partir de Lc 24,13-35.

1 A perícope: 1Cor 1,10–2,5

Em seu trabalho apostólico, Paulo e sua equipe missionária fundaram várias igrejas, entre as quais aquela em Corinto (At 18,1-18). A distância, Paulo e sua equipe se comunicavam com as igrejas por cartas. É nessas cartas que se encontra a teologia desse grupo liderado por Paulo. Sobre a teologia expressa no gênero literário epistolar, escreve G. Barbaglio (1989, p. 39):

Não se trata, pois de uma literatura nascida em gabinete, nem de produto da criatividade de um pensador distante dos fatos, e, menos ainda, o resultado de reflexões genéricas ou de especulações filosófico-teológicas atemporais. Ao contrário, o epistolário paulino traz a marca do "aqui e agora".

> Dito de outro modo, pode-se afirmar que "[a] teologia do apóstolo Paulo é originariamente pastoral no sentido de que os temas abordados por ele tinham origem em sua experiência missionária. Sua agenda teológica era determinada por sua vivência junto às comunidades por ele fundadas (MALZONI, 2019, p. 176).

A Primeira Carta aos Coríntios tem como emissários Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, e o irmão Sóstenes (1Cor 1,1). Apesar de ser assim chamada, não é a primeira carta de Paulo à igreja em Corinto. Antes dessa Carta, ele já tinha escrito aos coríntios (1Cor 5,9).

O primeiro tema a ser abordado na Carta é o das divisões que estão acontecendo na comunidade. Em 1Cor 1,10—2,5, está a exposição do problema bem como uma primeira reflexão sobre o que esse problema comporta em termos da compreensão do mistério de Deus revelado, em sua plenitude, em Cristo Jesus.

Embora formando uma só perícope, 1Cor 1,10—2,5 pode ser subdividida em quatro partes: a exposição do problema (1Cor 1,10-16); a apresentação da cruz de Cristo como sabedoria e força de Deus (1Cor 1,17-25); a eleição da comunidade como mais um exemplo do agir de Deus na história (1Cor 1,26-31); e a postura do apóstolo segue essa mesma lógica (1Cor 2,1-5).

a) Exposição do problema: 1Cor 1,10-16

> [10]Exorto-vos, irmãos, pelo nome do Senhor nosso Jesus Cristo, a que sejais unânimes no que dizer e a que não haja cismas entre vós; antes, que estejais de acordo no pensamento e no entendimento. [11]Fui informado a vosso respeito, meus irmãos, pelos de Cloé, de que existem divisões entre vós. [12]Digo isto: cada um de vós diz: "Eu sou de Paulo", "Eu de Apolo", "Eu de Cefas", "Eu de Cristo". [13]Cristo estaria dividido? Acaso Paulo foi crucificado por vós ou no nome de Paulo fostes batizados? [14]Agradeço a Deus por não ter batizado nenhum de vós, a não ser Crispo e Gaio, [15]de modo que ninguém pode dizer que fostes batizados em meu nome. [16]Também batizei os da casa de Estéfanas; de resto, não me recordo de ter batizado alguém mais.[2]

Esses versículos trazem uma narrativa. Paulo expõe o problema que está acontecendo na igreja em Corinto, tendo sido informado pelos da casa de Cloé. Ele inicia com uma exortação à concórdia. O problema é o surgimento de divisões no interior da igreja. Aqueles que suscitaram essas divisões se identificam com uma personalidade: Paulo, Apolo, Cefas, Cristo, de modo que se pode pensar em uma configuração de tipo carismática na igreja em Corinto, no sentido da formação de grupos que se colocam sob o patrocínio de uma figura ou líder carismático, com ou sem a anuência dessa figura ou líder. É a respeito desse tipo de configuração eclesial que Paulo quer colocar a comunidade de Corinto de sobreaviso, uma vez que ela não faz jus à cristologia, ou seja, não é uma eclesiologia que deriva da cristologia. As referências cristológicas às quais Paulo alude nessa perícope são: (1) o Cristo não está dividido; (2) somente o Cristo foi crucificado pelos coríntios (3) que, nele, foram batizados.

[2] As traduções foram feitas diretamente do texto grego, a partir da seguinte edição: **O Novo Testamento grego**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

Na igreja em Corinto, teriam se formado quatro grupos: o daqueles de Paulo, o daqueles de Apolo, o daqueles de Cefas e o daqueles de Cristo. É de se notar, no entanto, que Paulo retoma a questão outras duas vezes. Na primeira, cita apenas Apolo e ele próprio (1Cor 3,5-6); na segunda, acrescenta o nome de Cefas (1Cor 3,22). É possível que a menção de um grupo "de Cristo", em 1Cor 1,12, seja um recurso retórico de Paulo, uma hipérbole para mostrar o quanto a situação que havia se instaurado na igreja em Corinto era inusitada.

Colocado o problema, Paulo começa a respondê-lo.

b) Sabedoria e força de Deus: 1Cor 1,17-25

> [17]De fato, Cristo não me enviou para batizar, mas para evangelizar, não em sabedoria de palavra, a fim de que não seja esvaziada a cruz de Cristo. [18]Com efeito, a palavra da cruz para os que perecem é insensatez, mas para os que estão sendo salvos, para nós, é poder de Deus. [19]Está escrito: "*Farei perecer a sabedoria dos sábios, e a inteligência dos inteligentes declararei nula*". [20]Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o argumentador deste século? Acaso Deus não tornou insensatez a sabedoria do mundo? [21]Ora, visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus mediante a sabedoria, aprouve a Deus, mediante a insensatez da proclamação, salvar os que creem. [22]Os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria; [23]nós, porém, proclamamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e insensatez para os gentios. [24]Contudo, para os chamados, judeus e gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus, [25]porque o que é a insensatez de Deus é mais sábio que os homens, e o que é a fraqueza de Deus é mais forte que os homens.

O primeiro versículo dessa parte (1Cor 1,17) é tanto a conclusão da exposição do problema quanto o início da argumentação de Paulo em vista de sua superação. A referência ao batismo liga esse versículo com os precedentes, enquanto as referências à sabedoria e à cruz de Cristo ligam esse versículo ao que segue.

A argumentação de Paulo se situa entre duas antíteses. Por um lado, sabedoria e insensatez; por outro lado, força e fraqueza.[3] O que é sabedoria do mundo é insensatez para Deus, enquanto o que é sabedoria de Deus é insensatez

[3] De fato, em 1Cor 1,25, Paulo não usa o substantivo fraqueza, mas o adjetivo precedido de artigo: o que é fraco.

para o mundo, de modo especial para os gregos. Do mesmo modo, o que é força para o mundo é fraqueza para Deus e o que é fraqueza para Deus é força para o mundo. São duas linguagens que não se comunicam, nem podem se comunicar, porque uma se opõem à outra. A sabedoria e a força de Deus se manifestam na cruz de Cristo.

c) Compreender-se a partir da cruz: 1Cor 1,26-31

> [26]Vede, pois, vosso chamado, irmãos: não há muitos sábios segundo carne, nem muitos poderosos, nem muitos bem nascidos, [27]mas o que é insensatez no mundo, Deus elegeu para confundir os sábios, e o que é fraqueza no mundo, Deus elegeu para confundir o que é forte, [28]o que é insignificante no mundo e o que é desprezível, Deus elegeu, o que não é para aniquilar o que é, [29]a fim de que nenhuma carne pudesse se vangloriar diante de Deus. [30]Vós, porém, sois dele, em Cristo Jesus, que se tornou para nós, da parte de Deus, sabedoria, justiça, santificação e redenção, [31]a fim de que, conforme está escrito: "*aquele que se vangloria, que se vanglorie no Senhor*".

A própria comunidade dos coríntios deve compreender-se a partir da cruz, como expresso em 1Cor 1,26-31, isto é, segundo a lógica do agir de Deus, que escolhe o que é fraqueza para mundo.

d) A postura do apóstolo: 1Cor 2,1-5

> **2** [1]Eu mesmo, irmãos, quando fui ter convosco, não fui com eloquência de palavra ou sabedoria para vos anunciar o mistério de Deus. [2]Julguei que seria melhor, entre vós, nada saber, se não Jesus Cristo, e este crucificado. [3]Eu mesmo estive junto de vós cheio de fraqueza, temor e tremor. [4]Minha palavra e minha pregação não se baseavam em persuasivas palavras de sabedoria, mas em demonstração de espírito e poder, [5]a fim de que vossa fé não se fundamente em sabedoria de homens, mas no poder de Deus.

O mesmo vale para a postura do apóstolo, que, em sua fragilidade, realça a força da cruz. Por isso, Paulo, entre os coríntios não quis saber de outra coisa a não ser de Jesus Cristo e este crucificado (1Cor 2,2).

Em seu modo de argumentar, Paulo parte do que está acontecendo para depois lançar luzes sobre essa realidade a partir dos ensinamentos da Escritura e da memória da vida de Jesus. Na sequência, será apresentado, em linhas gerais, o método da Leitura Popular da Bíblia, como foi exposto por Mesters. Há convergência entre o método argumentativo de Paulo e o método da Leitura Popular da Bíblia?

2 O método da Leitura Popular da Bíblia

O método da Leitura Popular da Bíblia que aqui está sendo considerado é aquele que foi exposto por Mesters a partir de Lc 24,13-35. Mesters é um dos maiores biblistas da atualidade. Nascido em Bunde, aos 20 de outubro de 1931, chegou ao Brasil aos 17 anos. Fez seus estudos em São Paulo, Roma e Jerusalém. Em 1968, passou a residir em Belo Horizonte. No início dos anos de 1970, com a fundação do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), Mesters passou a assessorar cursos bíblicos populares em diversas partes do Brasil (SILVA, 2020). A originalidade de sua abordagem bíblica consiste em que ela está em sintonia tanto com a exegese acadêmica quanto com escuta das interpretações que o povo pobre faz da Bíblia.

Mesters escreveu vários livros, entre os quais está "Bíblia, livro feito em mutirão", um livro de poucas páginas, mas muito denso de significado, um subsídio para formação bíblica. Nesse livro, aparece o método da Leitura Popular da Bíblia, conforme a proposta de Mesters. De acordo com o registro linguístico mais popular de todo o livro, Mesters não utiliza a palavra método; ele usa os subtítulos "Como ler a Bíblia com proveito" e "O primeiro círculo bíblico". Esses subtítulos estão em um capítulo que se chama "Jesus trouxe a chave que nos abre o sentido da Bíblia".

A partir de Lc 24,13-35, a narrativa da manifestação de Jesus ressuscitado aos discípulos a caminho de Emaús, Mesters aponta "três pontos que devem estar presentes na leitura e interpretação que fazemos da Bíblia" (1986; p. 25). São eles:

1. Reflexão sobre a realidade

De acordo com Mesters, "Jesus soube criar um ambiente de conversa e, com

muito jeito, levou os dois a falar dos problemas da vida que eles estavam sentindo" (1986, p. 25-26). O primeiro passo é, portanto, o de deixar que a realidade apareça.

2. Estudo da própria Bíblia

Novamente, de acordo com Mesters, "Jesus usou a Bíblia não tanto para interpretar e ensinar a Bíblia, mas muito mais para, por meio dela, interpretar os fatos da vida e animar os dois rapazes desaminados" (1986, p. 26). O segundo passo é o de deixar que a Bíblia lance luzes sobre a realidade. Para isso, é necessário conhecer a Bíblia. Ainda comentando o modo de proceder de Jesus em Lc 24,13-35, Mesters escreve: "[i]sto mostra que Jesus tinha um conhecimento muito grande da Bíblia" (1986, p. 26).

3. Vivência comunitária da fé na ressurreição

Nesse ponto, Mesters chama a atenção para os gestos que Jesus realizou para criar um ambiente de amizade. E afirma: "isso é o ambiente da comunidade, onde se procura viver como irmãos. É aí que se faz a experiência da ressurreição do Cristo vivo no meio de nós (1986, p. 26-27).

Teriam Paulo e Sóstenes seguido esse método ao refletir sobre o problema das divisões que estavam acontecendo na igreja em Corinto?

Considerações finais

Se, por um lado, não se pode afirmar que Paulo e Sóstenes tenham seguido esse passo a passo na Primeira Carta aos Coríntios ao abordar o problema das divisões que tinham surgido na igreja em Corinto; por outro lado, o que eles fazem aqui é muito semelhante a isso. E não somente aqui, mas em toda a Primeira Carta aos Coríntios e nas outras cartas. O modo de proceder de Paulo e sua equipe missionária nas cartas é sempre esse: partir da exposição do que está se passando na igreja, que é a reflexão da realidade; depois, a reflexão a partir das Escrituras e da memória da vida de Jesus, que corresponde ao estudo da própria Bíblia, e, enfim, as preces, hinos e doxologias presentes nas cartas paulinas que exprimem a vivência comunitária da fé na ressurreição.

O método da Leitura Popular da Bíblia, de aproximação da Bíblia a partir do que está acontecendo, é tão antigo quanto a Bíblia. Esse método é próprio dos círculos bíblicos. Ele poderia ser usado também em outros contextos, como, por exemplo, no ambiente acadêmico ou no ambiente litúrgico? Na verdade, o ambiente acadêmico se presta mais ao estudo da Bíblia, mas esse estudo não precisa prescindir de uma reflexão sobre a realidade, muito pelo contrário, e também pode levar a momentos celebrativos em que a fé comunitária se torne mais evidente. Igualmente o ambiente litúrgico, mais propício à expressão comunitária da fé, nem por isso, deixa de ser um momento propício de aprendizado e de ligação da fé celebrada com a vida.

Referências

BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo (I)**: tradução e comentários. Tradução José Maria de Almeida. Revisão exegética Johan Konings. São Paulo: Loyola, 1989.

MALZONI, Cláudio Vianney. Corpo (sôma) na Primeira Carta aos Coríntios. **Fronteiras: Revista de Teologia da UNICAP**. Recife, v. 2, n. 2, p. 175-191, jul./dez., 2019.

MESTERS, Carlos. **Bíblia: livro feito em mutirão**. São Paulo: Paulinas, 1986. 11ª edição.

NOVO Testamento grego (O): com introdução em português e dicionário grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica Alemã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. 4ª edição revisada.

SILVA, Rafael Rodrigues da. **Frei Carlos Mesters**. Disponível em https://cebimg.org.br/2020/10/20/frei-carlos-mesters-uma-vida-dedicada-a-leitura-popular-da-biblia-e-aos-pobres-por-rafael-rodrigues/ Acesso em 13 JUN 2022.